

# CIVILIZAÇÃO ECOLÓGICA A CHINA E A SUSTENTABILIDADE

Rui Campos

## INTRODUÇÃO

Contradições internas – desigualdade social, poluição, protestos – levaram a liderança do Partido Comunista Chinês (PCC) a enveredar por um caminho que ficasse marcado por uma maior harmonia social e um desenvolvimento económico mais sustentável. A concretização política e ideológica desta procura por modelos de desenvolvimento mais sustentáveis é a civilização ecológica, um conceito recente e alvo de diferentes interpretações, como veremos.

Verificando os debates em torno do conceito procuraremos responder à pergunta: Qual o significado deste conceito na República Popular da China (RPC)? Através desta questão procuraremos, ainda, aferir a hipótese deste conceito adquirir uma faceta transformadora, representando algo de novo, ou se o mesmo reflete uma continuação do processo de desenvolvimento traçado pelo PCC.

A partir de uma revisão da literatura e da análise de fontes primárias – documentos oficiais – e fontes secundárias iremos explorar o aparecimento histórico deste conceito, analisando o discurso oficial e trazendo ao debate autores com visões distintas sobre a ideia e a sua respetiva implementação.

O artigo encontra-se, assim, dividido em três secções. Na primeira, iremos abordar um pouco da história e teoria do conceito, bem como rever a literatura existente sobre o tema. Na segunda secção, procuraremos contextualizar

## RESUMO

A civilização ecológica – conceito para o desenvolvimento sustentável – é recente. Inicialmente pensado como uma política interna, tem vindo a ganhar alguma relevância no plano internacional. É neste contexto que se pretende perceber se a China se prepara para liderar o combate às alterações climáticas ou se pretende apenas aumentar a sua influência internacional.

*Palavras-chave:* sustentabilidade, ecologia, China, civilização ecológica.

## ABSTRACT

### ECOLOGICAL CIVILIZATION: CHINA AND SUSTAINABILITY

Ecological civilization – a concept for sustainable development – is new. Initially thought of as an internal policy, it has gained some international relevance. It is in this context that we intend to understand whether China is preparing to lead the fight against climate change or whether it only wants to increase its international influence.

*Keywords:* sustainability, ecology, China, ecological civilization.

a situação nacional da China. Na terceira parte do artigo, iremos abordar os diferentes debates de forma que seja possível responder à nossa questão de partida.

## HISTÓRIA, TEORIA E REVISÃO DA LITERATURA

Verificamos, através de Arran Gare, que nos primórdios da Revolução de Outubro já existia uma corrente de pensamento ecológico no seio do Partido Bolchevique<sup>1</sup>. Associada ao movimento cultural Proletkult – da década de 1920 –, esta corrente de pensamento ecológico alertou para a excessiva mecanização da natureza e dos efeitos que as intervenções humanas sob a mesma poderiam ter. Os planos quinquenais, a industrialização e a coletivização a que se assistiu posteriormente acabaram por eliminar estas preocupações do seio do Partido Bolchevique, ou, pelo menos, relegá-las para um plano que considerasse o momento histórico que se vivia.

Importa realçar que o nome «civilização ecológica» é a tradução chinesa para «cultura ecológica», o termo originalmente utilizado na União Soviética e que foi inicialmente mencionado na década de 1970 por diferentes autores que tratavam a relação entre a humanidade

e a natureza, apelando, nos seus trabalhos, a uma nova conceção que não olhasse para os recursos naturais como existindo apenas para satisfazer as necessidades humanas<sup>2</sup>.

Posteriormente, durante o período da Perestroika, existe um certo revivalismo desse pensamento ecológico oriundo dos primeiros tempos da Revolução de Outubro. Ivan Frolov, conselheiro de Gorbachov e mais tarde editor do importante jornal *Pravda*, argumentaria

A CIVILIZAÇÃO ECOLÓGICA NO CONTEXTO DA RPC NASCE NA SEQUÊNCIA DE UM CONJUNTO DE INICIATIVAS POLÍTICAS, NOMEADAMENTE O RECONHECIMENTO, POR PARTE DO PCC, DE QUE GRAVES DESEQUILÍBRIOS ASSOLAVAM A SOCIEDADE CHINESA E COMO TAL HAVIA QUE PROMOVER UM MODELO DE DESENVOLVIMENTO MAIS HARMONIOSO.

que para se ultrapassar a crise ecológica global seria necessário passar do antropocentrismo para o biosferocentrismo, ou, por outras palavras, o desenvolvimento sustentável.

O conceito de civilização ecológica, no contexto da China, foi primeiramente usado em 1984 por Qianji Ye, num artigo publicado numa revista da antiga União Soviética. A aceção moderna do conceito, contudo, só começou a ser formulada por volta de 2006, numa altura em que a China se debatia – ainda o faz – com graves problemas ambientais<sup>3</sup>.

A civilização ecológica no contexto da RPC nasce na sequência de um conjunto de iniciativas políticas, nomeadamente o reconhecimento, por parte do PCC, de que graves desequilíbrios assolavam a sociedade chinesa e, como tal, havia que promover um modelo de desenvolvimento mais harmonioso. A consequência ideológica foi o aparecimento tanto do «olhar científico sobre o desenvolvimento», como do conceito de «sociedade socialista harmoniosa».

O socialismo com características chinesas é um termo que serve para designar o pensamento, ou o conjunto de pensamentos, que guiam o PCC e o Estado chinês. Cada geração de líderes deixa, sob a forma de elaborações teóricas, o seu legado. Foi assim

com Mao Tsé-Tung e tem sido assim até aos dias de hoje. Historicamente, o termo ganhou notoriedade durante a liderança de Deng Xiaoping, mas foi Mao Tsé-Tung um dos primeiros a referir a ideia, ou, pelo menos, o esboço da mesma, num dos seus livros mais famosos – *Sobre a Nova Democracia* –, em que dá a entender que a revolução chinesa deveria cumprir o papel que a burguesia nunca cumpriu, nomeadamente o de romper os traços de feudalismo e de modernizar a economia.

Posteriormente, o PCC, já sob a liderança de Deng Xiaoping e pela mão de diferentes teóricos e do próprio líder histórico – o «pai» das reformas de mercado –, reconheceu que a China ainda se encontrava francamente atrasada em termos de desenvolvimento e que tal como no comunismo existem etapas, no socialismo também poderiam existir<sup>4</sup>. Daqui nasce a ideia, ainda hoje em vigor, da fase primária do socialismo, como disse Wen Jiabao: «A China está no estágio primário do socialismo e assim permanecerá por muito tempo. O estágio primário significa um estágio de subdesenvolvimento, que se manifesta, antes de mais nada, no baixo nível das forças produtivas.»<sup>5</sup> Como nos mostra Xin, atualmente o SCC procura responder a um conjunto de desafios, nomeadamente o do desenvolvimento e a forma que este assumirá<sup>6</sup>. É neste contexto teórico que deverá ser enquadrada a civilização ecológica.

Qual a relação entre marxismo, socialismo com características chinesas e civilização ecológica? Encontramos na seguinte ideia um bom ponto de partida para responder a uma questão que mereceria atenção própria:

«Uma formação social complexa é aquela que se comporta de forma ativa diante da conjuntura econômica internacional e se vê diante de diferentes formas de produção interna que transitam de acordo com o contato entre as leis econômicas da própria formação social com as leis econômicas do centro do sistema em seu tempo. A grande indústria pode ser produto do financiamento externo e a pequena produção mercantil pode se transformar em indústria em concordância com os impulsos da superestrutura. A economia de mercado, como produto histórico das relações entre homem e natureza, é o termômetro do processo de desenvolvimento a partir do desmanche da economia voltada à subsistência (economia natural) e a entrada de seus integrantes na lógica da especialização, da concorrência, da economia de mercado em si. Sob o socialismo, a lei da correspondência entre superestrutura e base econômica deve obedecer a esta dinâmica»<sup>7</sup>.

Acrescenta Jabbour que

«[o] caráter socialista de uma formação social complexa não reside no tamanho e na extensão da propriedade privada e sim no que é dominante: caráter de classe do poder político, o controle dos meios estratégicos de produção e a detenção dos instrumentos estratégicos do processo de acumulação (câmbio, crédito, juros e sistema financeiro), além do monopólio sobre o comércio exterior»<sup>8</sup>.

Seria pertinente, nesta revisão da literatura, começar por referir o trabalho de Pan Yue que é considerado uma figura importante na divulgação do conceito e na sua concretização política<sup>9</sup>. Em 2006, o jornalista – que viria a ser vice-ministro para o Ambiente e que atualmente ocupa o cargo de vice-presidente da Academia Central do Socialismo em Pequim – publica um conjunto de artigos que apontam para uma visão romântica e transformadora do conceito. Argumenta o autor que é uma necessidade histórica a China não cometer os erros do Ocidente e de encontrar novas formas de desenvolvimento. Aponta, aliás, para um reencontro com o passado – referindo as filosofias do confucionismo e taoísmo – não num sentido reacionário, mas sim como uma possibilidade transformadora com vista à harmonização social e ao desenvolvimento sustentável.

Gare, contrariando a visão de Jabbour, acima referenciado, acredita que a China é de momento um Estado capitalista responsável por um aumento brutal das desigualdades e da destruição ambiental<sup>10</sup>. Acrescenta que a China é melhor compreendida como sendo uma economia capitalista a atravessar uma fase de acumulação primitiva, com o Estado a servir os interesses da burguesia. Apesar da caracterização oposta a Jabbour, ambos os autores confluem na questão de que a China ainda se encontra numa fase de acumulação e desenvolvimento das forças produtivas, uma visão, aliás, que nem o próprio PCC nega. Para Gare, a civilização ecológica é uma oportunidade para a China encontrar um modelo de desenvolvimento que rompa com o capitalismo, mas que para tal é necessário que haja uma mobilização popular e a reorientação política do Estado. O artigo faz ainda referência à chamada «Nova Esquerda» na China, em especial a Wang Hui<sup>11</sup>, tido como um dos representantes deste movimento que nasceu em resposta à expansão da ideologia neoliberal e das práticas capitalistas no país asiático. Seria interessante, por exemplo, entender qual o impacto da Nova Esquerda no seio da política institucional, mas também na contestação social que existe na China.

Magdoff, seguindo uma linha de pensamento semelhante à de Gare, critica o capitalismo e a sua incapacidade de oferecer condições materiais que permitam o desenvolvimento, já que este sistema promove o individualismo, a desigualdade e a guerra<sup>12</sup>. Para este autor, o conceito de civilização ecológica equivale a socialismo, isto é, a economia sob o controlo popular e a economia que deve servir os interesses populares e manter a proteção ambiental. Apesar de ambos os autores oferecerem uma análise detalhada dos problemas que assolam a China e de ser pertinente a chamada de atenção para tais questões, a ausência de resposta para a questão central – o desenvolvimento num ambiente interno e externo marcado por contradições – é algo que deveria ser considerado como uma falha ou como um ponto que poderia ser mais bem trabalhado.

O novo movimento de reconstrução rural, defendido por Tiejun et al., é também um exemplo de construção teórica que pode ser enquadrado no panorama da civilização ecológica e que oferece uma resposta, com resultados práticos, à questão do desenvolvimento, nomeadamente o desenvolvimento rural<sup>13</sup>. Os autores deste movimento criticam a dependência excessiva da China em relação a modelos de desenvolvimento

oriundos do Ocidente. Em alternativa defendem um modelo que combine o desenvolvimento, a proteção ambiental e políticas de base, bem como a retenção de pensamento indígena na área agrícola. Na mesma linha de pensamento, observamos em Wang et al. uma crítica ao antropocentrismo e à divinização do crescimento económico<sup>14</sup>. Argumentam que os problemas associados a esta cegueira devem ser invertidos recorrendo a uma reorientação do sistema político e económico<sup>15</sup>. Lu et al. consideram que a civilização ecológica na China está distante de uma visão transformadora, mas, ao mesmo tempo, reconhecem os avanços dados pelo Governo de Xi Jinping<sup>16</sup>. Sobre esta questão, Yin e Zhang consideram que a civilização ecológica é uma nova etapa e representa uma continuação da aplicação do marxismo às condições materiais da China<sup>17</sup>. Esta linha de pensamento, contrastante com as anteriores que veem o capitalismo existente na RPC como uma capitulação, considera que o desenvolvimento económico, fazendo uso do mercado, da iniciativa privada e de outras leis neoliberais em nada invalida a construção socialista. Pelo contrário, auxilia a mesma através da criação de riqueza e do progresso.

Outros autores, como Hansen et al., trazem ao debate a representação institucional do conceito<sup>18</sup>. É particularmente relevante a ideia de que a civilização ecológica, oficialmente, é uma ideia tecnocrática que visa combinar desenvolvimento tecnológico com políticas ambientais. É considerada a questão do impacto global desta nova política, sendo afirmado que os inícios contraditórios do conceito foram superados e que, atualmente, a China pretende projetar a sua visão para o restante globo. No fundo, o Estado chinês foi capaz de pegar num conceito vago e de fazer a necessária ponte entre a história milenar da China – através do confucionismo – e de integrar esses valores no socialismo com características chinesas dando-lhe vitalidade e projeto de futuro. Geall e Ely, ao analisarem a narrativa do conceito, consideram que a retirada dos Estados Unidos do Acordo de Paris criou um vazio em termos de liderança global no combate às alterações climáticas, um vazio que a China poderá querer preencher e que, sobretudo, pode fazer<sup>19</sup>.

O debate em torno do conceito é recente, mas parece que se começam a traçar duas «escolas» de análise distintas. A primeira adota uma postura de transformação social e vê a civilização ecológica como uma oportunidade de reestruturar a sociedade. Autores como Arran Gare, Fred Magdoff, Phillip Clayton ou Wen Tiejun poderão ser enquadrados nesta linha de pensamento. A outra corrente ideológica, mais ligada às instituições do Estado chinês, enquadra a civilização ecológica como uma nova etapa no socialismo com características chinesas. Longe de ser um pensamento disruptivo, a concretização política da ideia deverá ser potenciadora da harmonia social e ambiental.

## **A SITUAÇÃO NACIONAL**

Num artigo publicado na revista Qiushi – órgão do Comité Central do Partido Comunista da China – Xi Jinping afirmou que, para a China se continuar a desenvolver teria de

reinventar o seu modelo de desenvolvimento<sup>20</sup>. A afirmação foi feita num contexto em que Xi Jinping alertava para a necessidade de preservar os ecossistemas, pois sem esta preservação ambiental o próprio processo de desenvolvimento ficaria comprometido. Como refere Yuan, a primeira lei que visava regulamentar o meio ambiente foi publicada em 1973 e, conseqüentemente, a partir dessa data começou-se também a estabelecer a monitorização da qualidade do ar, da terra e da água<sup>21</sup>. Uma prática que se foi expandido ao longo do tempo. Contudo, até mais recentemente as políticas ambientais estiveram sempre dependentes dos objetivos económicos, nomeadamente o desenvolvimento das forças produtivas e o aumento do bem-estar material. Tsang e Kolk argumentam que

QUAIS SÃO OS GRANDES DESAFIOS PARA A CHINA NO PLANO AMBIENTAL? IMPORTANTE RESSALVAR QUE NENHUM DOS DESAFIOS É EXCLUSIVO DA CHINA, MAS ACABAM POR TER UMA ESPECIAL INCIDÊNCIA NESTE PAÍS FRUTO DE OPÇÕES POLÍTICAS E ECONÓMICAS.

a existência de objetivos económicos, definidos a nível central, aumenta a pressão dos governos locais, fazendo com que a proteção ambiental seja relegada para um plano inferior<sup>22</sup>.

Concretamente, quais são os grandes desafios para a China no plano ambiental? Importa ressaltar que nenhum dos desafios

é exclusivo da China, mas acabam por ter uma especial incidência neste país fruto de opções políticas e económicas. Identificámos como sendo os principais desafios, em termos ambientais, a proteção da qualidade do ar, do solo e das águas. A estas questões devemos interligar a questão energética, nomeadamente a estrutura energética do país e as suas necessidades, bem como o desenvolvimento económico e social.

Um bom ponto de partida – mas não o suficiente, pois, como qualquer fonte oficial, esta também requer uma análise cruzada com outras fontes – são os relatórios anuais que o Ministério da Ecologia e Meio Ambiente publica<sup>23</sup>. O mais recente, datado de 2020, aponta para um melhoramento da qualidade do ar, da água e do solo ao mesmo tempo que identifica um conjunto de problemas e de insuficiências, nomeadamente o facto de o Index Ecológico se apresentar a 51,3, o que, segundo os especialistas, é medíocre e abaixo dos 55, o limite mínimo para que possa ser considerado bom. À semelhança dos anteriores relatórios, é um documento que resume o que foi alcançado, aponta as insuficiências e enumera medidas a tomar ou que já foram tomadas. De destacar a referência ao conceito de civilização ecológica e a importância de construí-la, bem como a iniciativa Nova Rota da Seda que inclui também uma componente ecológica e internacional, com a construção de uma rede global para a proteção ambiental.

Uma observação mais pormenorizada mostra uma análise da poluição do solo causada por atividade industrial e agrícola<sup>24</sup>. O artigo analisa as áreas do território mais afetadas pela poluição, relacionando as conseqüências da mesma para a saúde pública, o que nos permite ter uma ideia justificada factualmente sobre a situação. Zeng et al. traçam uma análise semelhante sobre a poluição do ar, apontando que a poluição é uma conseqüência natural da industrialização e que, apesar de algum sucesso em tornar a

aumentar a qualidade do ar, a continuação desse processo de melhoramento exigirá o desenvolvimento de novas medidas e tecnologias, de forma que haja um equilíbrio entre crescimento económico e proteção ambiental<sup>25</sup>. No mesmo sentido, Wang e Yang analisaram os efeitos que a poluição da água tem na saúde física e mental das populações afetadas, acrescentando que este problema tende a ser mais sentido pelas camadas populacionais de menor rendimento<sup>26</sup>.

Além das questões concretas, aqui referidas, é importante mencionar, também, a contestação social no seio da China – em particular os protestos contra a poluição e a desigualdade social – como fator que pode ajudar a compreender esta reorientação política. Zhou refere que entre janeiro de 2000 e setembro de 2013, de todos os protestos realizados cerca de metade estavam relacionados com questões ambientais, o que pode incluir protestos contra a poluição, mas também protestos contra a construção de projetos considerados danosos para as populações ou contra a expropriação de terras<sup>27</sup>. Como é evidenciado por outro trabalho, a questão da terra e da sua propriedade tem um potencial disruptivo em relação ao poder do PCC<sup>28</sup>. Ainda em relação a esta questão, há análises que relevam a importância que os protestos ambientalistas têm tido na China, nomeadamente a considerável adesão por parte da população e o potencial que estas causas têm para se tornarem numa série ameaça ao PCC<sup>29</sup>.

Não sendo possível fazer uma análise exaustiva sobre o impacto que esta nova política tem tido na China, queríamos destacar algumas ideias. Por um lado, que as zonas mais pobres da China são aquelas onde a proteção ambiental e o desenvolvimento sustentável têm menos aceitação e, como tal, onde também os resultados são menos positivos<sup>30</sup>. Por conseguinte, o Estado chinês terá de saber compensar as zonas que estão neste momento dependentes de atividades económicas que poluem excessivamente ou contribuem para a destruição ambiental, como a extração de carvão. Por outro lado, apesar do discurso oficial apontar para um melhoramento generalizado da situação, os dados a nível nacional ainda estão aquém do necessário<sup>31</sup>, o que sugere a implementação de medidas adicionais.

### **CIVILIZAÇÃO ECOLÓGICA: DEBATES E PERSPETIVAS**

Como referimos, é só em 2006 que o conceito começa a ganhar alguma notoriedade. Esta preocupação com a sustentabilidade vem na sequência da chegada ao poder de Hu Jintao. Em 2003, e após uma visita de inspeção à província de Jiangxi, anuncia o conceito de «olhar científico sobre o desenvolvimento», que já apontava para a necessidade de estabelecer um outro tipo de relação entre a natureza e as atividades inerentes ao desenvolvimento económico<sup>32</sup>. Outra das ideias-chave, e um legado de Hu Jintao, é a sociedade harmoniosa ou sociedade socialista harmoniosa, que, no fundo, acaba por complementar o conceito anterior. O ponto a reter é o foco na harmonia, ou seja, trata-se de construir uma sociedade com menos desequilíbrios a todos os níveis.

Pan considera que a civilização ecológica marca um novo paradigma na história da humanidade<sup>33</sup>. À civilização agrícola, caracterizada por baixa produtividade, sucedeu a civilização industrial, com a aceleração da produtividade e a inovação científica e tecnológica. A civilização ecológica é caracterizada por alta produtividade, desenvolvimento científico e uma sociedade mais harmoniosa em todos os aspetos.

A visão oficial deste conceito e proposta política acaba por incorporar uma crítica ao modelo ocidental de desenvolvimento, aos excessos do capitalismo, mas corresponde também a uma visão pragmática de desenvolvimento que reconhece a necessidade de continuar com o crescimento económico recorrendo, sobretudo, à inovação tecnológica e científica.

No relatório apresentado ao 19.º Congresso do PCC, Xi Jinping mencionou várias vezes a civilização ecológica (*shentai wenming*, em mandarim), referindo que a China se tornou «num importante participante, contribuinte e portador da tocha no esforço global por uma civilização ecológica»<sup>34</sup>. Numa outra passagem, o Presidente chinês incide sobre o tipo de sociedade que a China almeja construir, afirmando que

«a modernização que procuramos é caracterizada por uma harmoniosa coexistência entre homem e natureza. Além de criar mais riqueza material e cultural para atender às necessidades cada vez maiores das pessoas por uma vida melhor, precisamos também de fornecer mais produtos ecológicos de qualidade para atender às crescentes exigências por um bom meio ambiente.»<sup>35</sup>

Na revisão da Constituição, feita em 2012 por ocasião do 18.º Congresso do PCC, foi acrescentado um parágrafo que, entre outras coisas, referia a necessidade preservar o meio ambiente como forma de garantir um desenvolvimento sustentável<sup>36</sup>. Xi Jinping referiu mais recentemente, por ocasião do 19.º Congresso, a necessidade de encontrar um modelo de desenvolvimento sustentável que seja capaz de aumentar a qualidade de vida das pessoas, mas protegendo os ecossistemas.

A civilização ecológica agrupa em si várias ideias e toca em áreas que vão além da preservação ambiental, e que têm relação direta com esta. Em primeiro lugar, quando Xi Jinping refere a necessidade de reduzir a intensidade energética, de promover uma economia com baixas emissões de CO<sub>2</sub> e de desenvolver energia limpa está obviamente a defender o meio ambiente, mas está também a colocar a questão da energia no centro – e isto como forma de reduzir a dependência energética do país face ao estrangeiro<sup>37</sup> – e a situar a China na vanguarda da inovação tecnológica no campo das energias renováveis.

Em segundo lugar, a civilização ecológica é a continuação do desenvolvimento. Um desenvolvimento que tem em vista os Dois Centenários e que tem como objetivos centrais a construção de uma sociedade moderadamente próspera em 2021 e, mais tarde, em 2049, uma sociedade socialista moderna. Este desenvolvimento deverá tirar partido da inovação tecnológica de forma que o crescimento económico não seja apenas quantitativo, mas sobretudo qualitativo.



Por fim, a civilização ecológica tem também uma componente social. A linguagem associada ao conceito faz vários apelos à harmonia entre o homem e o meio ambiente, mas também nas relações sociais. E isto poderá ser visto como uma resposta à crescente insatisfação que se vinha fazendo sentir na sociedade chinesa em relação à desigualdade social, mas também em relação à destruição do meio ambiente.

A produção teórica na China em relação a este conceito não se esgota no que é publicado pelo PCC e pelo Estado chinês. Diversos autores têm dado contribuições sobre o tema. Deste modo, seria pertinente analisar a diferença de discurso entre as visões oficiais e as de outros autores, procurando confrontar ideias, encontrando aproximações e divergências.

Na nossa revisão da literatura, mencionámos as obras de Arran Gare ou Wen Tiejun como exemplos de interpretações diferentes da visão oficial preconizada pelo PCC.

Nos documentos oficiais, encontramos a civilização ecológica como uma nova etapa no longo processo de desenvolvimento. Vimos, também, que o conceito poderá adquirir uma faceta de cariz revolucionário. John Bellamy Foster considera que a civilização ecológica não poderá ser apenas uma questão tecnológica e que deverá exigir a construção de novas formas de viver<sup>38</sup>. É exatamente

A CIVILIZAÇÃO ECOLÓGICA TEM TAMBÉM  
UMA COMPONENTE SOCIAL. E ISTO PODERÁ SER  
VISTO COMO UMA RESPOSTA À CRESCENTE  
INSATISFAÇÃO QUE SE VINHA FAZENDO  
SENTIR NA SOCIEDADE CHINESA  
EM RELAÇÃO À DESIGUALDADE SOCIAL,  
MAS TAMBÉM EM RELAÇÃO À DESTRUIÇÃO  
DO MEIO AMBIENTE.

sobre esta questão – o modo de viver – que Wang et al. procuram refletir. Partindo da constatação de que tanto os países capitalistas como os socialistas (União Soviética e China) tiveram ou têm graves problemas ambientais, os autores questionam se o problema não será a própria modernidade<sup>39</sup>. Observações que nos poderão levar a recordar o próprio pensamento de Walter Benjamin sobre a não linearidade da história e sobre como o materialismo dialético não deve ser algo estanque. Isto é, para os autores, a China não deverá concluir a modernização e só depois pensar em corrigir os erros. A modernização é a correção de erros, sim, mas é também a oportunidade de desbravar novos caminhos que permitam a harmonização social e ambiental.

A questão central continua a ser o desenvolvimento e o modelo a seguir. A civilização ecológica, como conceito global para um novo tipo de sociedade, presta particular atenção às questões do ambiente e de bem-estar social. Esse é um dado adquirido, independentemente de ser a visão oficial ou a de autores que não estão ligados ao PCC. A grande divergência ocorre a partir do momento em que se centra a questão no modo de atingir tais objetivos. Referimos, aqui, perspetivas que criticam o capitalismo e a adoção, por parte da China, da modernização com cunho ocidental, isto é, capitalista. Estes autores partem de uma perspetiva que rejeita o capitalismo como passo necessário para o socialismo e por consequência para a solução dos problemas.

Por outro lado, a visão oficial e a de outros autores, como Elias Jabbour, colocam o problema de uma outra maneira. A solução dos problemas ambientais e sociais passa sobretudo pelo crescimento quantitativo das forças produtivas. Isto é, o Estado chinês deverá continuar a capacitar-se para enfrentar os desafios internos, num ambiente externo que se mostra, em certa medida, cada vez mais hostil. E importa mencionar que a China ainda tem um longo caminho a percorrer, como as autoridades admitem, em termos de modernização. As visões mais radicais, se assim as quisermos apelidar, acabam por não dar uma resposta concreta aquilo que é central, ou seja, o desenvolvimento. De um ponto de vista teórico, poderá ser um exercício interessante criticar a China por ter relações de produção capitalistas e por seguir uma modernização que causou graves desequilíbrios ambientais e sociais. É certamente importante que não se percam estas questões de vista, mas estes autores acabam por não dar resposta à questão do desenvolvimento. De igual maneira, a China dispõe de recursos materiais e forças produtivas que objetivamente lhe dão condições para continuar o desenvolvimento de uma forma mais sustentável, pelo que as preocupações demonstradas são também elas justas.

Os trabalhos analisados até aqui espelham, sobretudo, estas duas visões, as quais, apesar de diferentes, não são inteiramente antagónicas. Há um consenso em relação à necessidade de preservar o meio ambiente e de encontrar um modelo de desenvolvimento mais sustentável. Parece-nos que considerar a civilização ecológica como um conceito revolucionário é fugir à verdade em relação ao que ele representa, oficialmente, na China. As críticas ao capitalismo, à modernidade inspirada no Ocidente e ao antropocentrismo não estão necessariamente presentes em todos os documentos oficiais, mas ainda assim é possível encontrar palavras que apontam nesse sentido. Xi Jinping referiu, no relatório ao 19.º Congresso do PCC, que a modernização na China é caracterizada pela harmonia entre a humanidade e a natureza. Sem referir diretamente o capitalismo ou a modernidade ocidental, o Presidente da China acaba por afirmar que a China não irá percorrer esse caminho, pois o mesmo é incompatível com a tal harmonização desejada.

Mais do que um conjunto de políticas ambientais, a civilização ecológica é um movimento que busca criar uma sociedade harmoniosa através da eliminação da pobreza, fomentando a democracia, o desenvolvimento científico e tecnológico e a redução progressiva das desigualdades. É claro que não poderemos esquecer que a estrutura para atingir esses objetivos não mudará no futuro previsível. Uma economia de mercado planeada – o Estado continua sendo um fator decisivo na economia – com relações de produção capitalistas ainda é a realidade da China. Assim como a sua condição de país em desenvolvimento que enfrenta profundas ameaças internas e externas. Talvez essas mesmas ameaças sejam também uma força motriz na busca da RPC pela sustentabilidade. Talvez a sustentabilidade também deva ser entendida como uma busca pela independência e segurança nacional.

## CONCLUSÕES

A partir da nossa questão de partida procurámos, sobretudo, analisar os principais debates em torno do conceito de civilização ecológica. Consideramos que este conceito é hoje mais que uma teoria ou um conjunto de teorias. Trata-se de um conceito que foi recentemente inscrito na Constituição do Estado chinês, demonstrando a importância que a China atribuiu ao desenvolvimento sustentável. É, pois, algo com aplicação concreta na sociedade chinesa.

Procurámos, através desses debates, confrontar ideias e buscar diferenças, mas também aproximações. De um ponto de vista prático, é certamente da maior relevância analisar aquilo que as fontes oficiais nos dizem sobre o conceito e sobre

a sua aplicação. Dizem-nos, pois, que a China continuará a necessitar de se modernizar e desenvolver. Que esse desenvolvimento deverá tirar partido, cada vez mais, da inovação tecnológica e que o mesmo terá de criar condições para que as gerações futuras tenham a capacidade de viver. A civilização ecológica nasce como resposta a um conjunto de desafios de ordem interna e externa, desafios que, deixados ao abandono, teriam um potencial disruptivo.

Existem perspetivas, como aqui demonstrámos, que conceptualizam a civilização ecológica como um ponto de partida para caminhos de transformação social. A partir de críticas ao capitalismo e à modernidade, estas fazem apelos para que se preserve o ambiente e se criem condições para o aparecimento de novas formas de viver. As questões apontadas por grande parte destes trabalhos são inteiramente válidas e o próprio Estado chinês reconhece os problemas inerentes a um modelo de desenvolvimento que privilegiou o crescimento económico. A questão, contudo, é que, na ótica do Estado chinês, os meios acabam por justificar os fins. O crescimento quantitativo das forças produtivas tem permitido, e deverá continuar a permitir, que se façam melhoramentos significativos na qualidade de vida dos cidadãos numa perspetiva de desenvolvimento sustentável.

Assim, sendo a civilização ecológica uma política de harmonização social e desenvolvimento sustentável, a mesma deverá ser analisada num contexto mais geral de construção do socialismo com características chinesas e não como algo que nasceu à parte e que pretende substituir a ideologia do PCC.

Data de receção: 17 de outubro de 2020 | Data de aprovação: 23 de setembro de 2021

O CONCEITO DE CIVILIZAÇÃO ECOLÓGICA É HOJE MAIS QUE UMA TEORIA, OU UM CONJUNTO DE TEORIAS. TRATA-SE DE UM CONCEITO QUE FOI RECENTEMENTE INSCRITO NA CONSTITUIÇÃO DO ESTADO CHINÊS, DEMONSTRANDO A IMPORTÂNCIA QUE A CHINA ATRIBUIU AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.

**Rui Campos** Doutorando em Ciência Política no ISCTE com uma bolsa com financiamento da FCT/CCCM. Mestre em Estudos Internacionais pelo ISCTE e licenciado em Ciência Política pelo ISCSP.

> ISCTE | Escola de Sociologia e Políticas Públicas, Edifício Sedas Nunes, sala 1W6, Avenida das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa, Portugal | [rui.campos15@hotmail.com](mailto:rui.campos15@hotmail.com)

## NOTAS

**1** GARE, Arran – «Soviet environmentalism: the path not taken». In *Capitalism Nature Socialism*. Vol. 4, N.º 4, 1993, pp. 69-88.

**2** GARE, Arran – «The eco-socialist roots of ecological civilization». In *Capitalism Nature Socialism*. Vol. 32, N.º 1, 2021, pp. 37-55.

**3** GARE, Arran – «Barbarity, civilization and decadence meeting the challenge of creating an ecological civilization». In *Chromatikon: Annales de la philosophie en procès / Yearbook of Philosophy in Process*. 2009, pp. 167-189. Disponível em: <https://doi.org/10.5840/chromatikon2009514>.

**4** A fase primária do socialismo, como conceito, é primeiramente mencionado por Mao Tsé-Tung em 1957, mas a elaboração do conceito coube a outros teóricos do PCC. Atualmente, a Constituição da RPC assume a existência da fase primária do socialismo em diversos pontos do documento, como uma fase de modernização, desenvolvimento e acumulação de forças produtivas. Sobre esta questão, Deng Xiaoping escreveu um artigo que expõe de forma sucinta esta abordagem do PCC ao socialismo, em que aborda a problemática da construção do socialismo e da modernização. Este texto, entre outros, poderá ajudar a compreender as reformas que introduziram a propriedade privada, a utilização do mercado como ferramenta de alocação de recursos, entre outras medidas de cariz liberal. É também um bom ponto de partida para compreender o «socialismo com características chinesas». O mesmo poderá ser consultado aqui: <http://www.china.org.cn/english/features/dengxiaoping/103371.htm>.

**5** JIABAO, Wen – «Our historical tasks at the primary stage of socialism and several issues concerning China's foreign policy». Consultado em: 4 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/ce/ceno/eng/dtxw/t301338.htm>.

**6** XIN, Xiangyang – «Prominent features of the system of socialism with Chinese characteristics and China's governance system». In *International Critical Thought*. 2020, pp. 161-181.

**7** JABBOUR, Elias Marco Khalil – *Projeto Nacional, Desenvolvimento e Socialismo de Mercado na China de Hoje*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências

Humanas, Universidade de São Paulo, 2010. Tese de doutorado em Geografia Humana. DOI: 10.11606/T.8.2010.tde-18012011-103155.

**8** *Ibidem*.

**9** YUE, Pan – «Evolution of an ecological civilization». *Beijing Review.com.cn*. 2006. Consultado em: 10 de outubro de 2020. Disponível em: [http://www.bjreview.com.cn/expert/txt/2006-12/15/content\\_50890.htm](http://www.bjreview.com.cn/expert/txt/2006-12/15/content_50890.htm)

**10** GARE, Arran – «China and the struggle for ecological civilization». In *Capitalism Nature Socialism*. 2012, pp. 10-26. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10455752.2012.722306>.

**11** Wang Hui é um professor e intelectual com uma vasta obra sobre a China contemporânea e uma das referências da chamada Nova Esquerda.

**12** MAGDOFF, Fred – «Harmony and ecological civilization: beyond the capitalist alienation of nature». In *Monthly Review – an independent socialist magazine*. Consultado em: 10 de outubro de 2020. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2012/06/01/harmony-and-ecological-civilization/>

**13** TIEJUN, Wen, et al. – «Ecological civilization, indigenous culture, and rural reconstruction in China». In *Monthly Review – an independent socialist magazine*. Consultado em: 8 de outubro de 2020. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2012/02/01/ecological-civilization-indigenous-culture-and-rural-reconstruction-in-china/>.

**14** WANG, Zhile, et al. – «The ecological civilization debate in China: the role of ecological marxism and constructive post-modernism—beyond the predicament of legislation». In *Monthly Review – an independent socialist magazine*. Consultado em: 7 de outubro de 2020. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2014/11/01/the-ecological-civilization-debate-in-china/>.

**15** *Ibidem*.

**16** CHANG, An Lu, et al. – «On the concept of ecological civilization in China and Joel Kovel's ecosocialism». In *Capitalism Nature Socialism*. 2016, pp. 27-33.

**17** YIN, Xuhui; ZHANG, Jing – «Connotation of Xi Jinping's thought on construction of ecological civilization in the new era». In *Asian Agricultural Research*. 2018, pp. 22-25.

**18** HANSEN, Mette Halskov, et al. – «Ecological civilization: interpreting the Chinese past, projecting the global future». In *Global Environmental Change*. 2018, pp. 195-203.

**19** GEALL, Sam; ELY, Adrian – «Narratives and pathways towards an ecological civilization». In *The China Quarterly*. Vol. 236, 2018, pp. 1175-1196.

**20** XI, Jinping – «Pushing China's development of an ecological civilization to a new stage». Consultado em: 8 de setembro de 2021. Disponível em: [http://english.qstheory.cn/2019-09/17/c\\_1124932126.htm](http://english.qstheory.cn/2019-09/17/c_1124932126.htm).

**21** YUAN, J., et al. – «Ecology of industrial pollution in China». In *Ecosystem Health and Sustainability*. 2020.

**22** TSANG, S.; KOLK, A. – «The evolution of Chinese policies and governance structures on environment, energy and climate». In *Environmental Policy and Governance*. 2010, pp. 180-196.

**23** Os vários relatórios, bem como outros documentos, poderão ser consultados em: [english.mee.gov.cn/Resources/Reports/](http://english.mee.gov.cn/Resources/Reports/).

**24** YANG, Qianqi, et al. – «A review of soil heavy metal pollution from industrial and agricultural regions in China: pollution and risk assessment». In *Science of Total Environment*. 2018, pp. 690-700.

**25** ZENG, Yingying, et al. – «Air pollution reduction in China: recent success but great challenge for the future». In *Sci Total Environ*. 2019.

**26** WANG, Qing; YANG, Zhiming – «Industrial water pollution, water environment treatment, and health risks in China». In *Environmental Pollution*. 2016, pp. 358-365.

**27** ZHOU, Xin – «Ecological civilization in China: challenges and strategies». In *Capitalism Nature Socialism*. 2020.

**28** CHEN, Chih-Jou Jay – «Peasant protests over land seizures in rural China».

In *The Journal of Peasant Studies*. 2020, pp. 1327-1347.

29 ZHONG, Yang; HWANG, Wonjae – «Pollution, institutions and street protests in urban China». In *Journal of Contemporary China*. 2015, pp. 216-232.

30 LO, Kevin – «Ecological civilization, authoritarian environmentalism, and the eco-politics of extractive governance in China». In *The Extractive Industries and Society*. 2020, pp. 1029-1035.

31 ZHANG, Linbo, et al. – «Evaluation of the ecological civilization index of China based on the double benchmark progressive method». In *Journal of Cleaner Production*. 2019, pp. 511-519.

32 STATE COUNCIL – «Decision of the State Council on implementing scientific outlook on development and strengthening

environmental protection». Consultado em: 12 de outubro de 2020. Disponível em: [http://english.mee.gov.cn/Resources/Policies/policies/Frameworkp1/200712/t20071227\\_115531.shtml](http://english.mee.gov.cn/Resources/Policies/policies/Frameworkp1/200712/t20071227_115531.shtml).

33 PAN, J. – *China's Environmental Governance and Ecological Civilization*. 1.ª edição. Berlim-Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 2016.

34 O relatório poderá ser consultado, na íntegra, em: «FULL text of Xi Jinping's report at 19th CPC National Congress». Disponível em: [http://www.xinhuanet.com/english/special/2017-11/03/c\\_136725942.htm](http://www.xinhuanet.com/english/special/2017-11/03/c_136725942.htm).

35 *Ibidem*.

36 O documento completo poderá ser consultado no seguinte site: [http://www.china.org.cn/china/18th\\_cpc\\_congress/2012-11/16/content\\_271138030.htm](http://www.china.org.cn/china/18th_cpc_congress/2012-11/16/content_271138030.htm)

37 Um interessante resumo da situação energética poderá ser encontrado em: <https://chinapower.csis.org/energy-footprint/>.

38 FOSTER, John – *Marxism, Ecological Civilization and China*. Consultado em: 9 de julho de 2021. Disponível em: <https://mronline.org/2015/06/12/foster120615-1.html/>.

39 WANG, Zhihe, et al. – «What does ecological marxism mean for China? Questions and challenges for John Bellamy Foster». In *Monthly Review – an independent socialist magazine*. Consultado em: 9 de julho de 2021. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2013/02/01/what-does-ecological-marxism-mean-for-china/>.

## BIBLIOGRAFIA

CHANG, An Lu, et al. – «On the concept of ecological civilization in China and Joel Kovel's ecosocialism». In *Capitalism Nature Socialism*. 2016, pp. 27-33. DOI: 10.1080/10455752.2015.1137078.

CHEN, Chih-Jou Jay – «Peasant protests over land seizures in rural China». In *The Journal of Peasant Studies*. 2020, pp. 1327-1347. DOI: <https://doi.org/10.1080/03066150.2020.1824182>.

FOSTER, John – *Marxism, Ecological Civilization and China*. Consultado em: 9 de julho de 2021. Disponível em: <https://mronline.org/2015/06/12/foster120615-1.html/>.

«FULL text of Xi Jinping's report at 19th CPC National Congress». Disponível em: [http://www.xinhuanet.com/english/special/2017-11/03/c\\_136725942.htm](http://www.xinhuanet.com/english/special/2017-11/03/c_136725942.htm).

GARE, Arran – «Soviet environmentalism: the path not taken». In *Capitalism Nature Socialism*. Vol. 4, N.º 4, 1993, pp. 69-88. DOI: 10.1080/10455759309358566.

GARE, Arran – «Barbarity, civilization and decadence meeting the challenge of creating an ecological civilization». In *Chromatikon: Annales de la philosophie en procès / Yearbook of Philosophy in Process*. 2009, pp. 167-189. Disponível em: <https://doi.org/10.5840/chromatikon2009514>.

GARE, Arran – «China and the struggle for ecological civilization». In *Capitalism Nature Socialism*. 2012, pp. 10-26. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10455752.2012.722306>.

GARE, Arran – «The eco-socialist roots of ecological civilization». In *Capitalism Nature Socialism*. Vol. 32, N.º 1, 2021, pp. 37-55. DOI: 10.1080/10455752.2020.1751223.

GEALL, Sam; ELY, Adrian – «Narratives and pathways towards an ecological civilization». In *The China Quarterly*. Vol. 236, 2018, pp. 1175-1196. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0305741018001315>.

HANSEN, Mette Halskov, et al. – «Ecological civilization: interpreting the Chinese past, projecting the global future». In *Global Environmental Change*. 2018, pp. 195-203. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2018.09.014>.

JABBOUR, Elias Marco Khalil – *Projeto Nacional, Desenvolvimento e Socialismo de Mercado na China de Hoje*. 2010. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010. Tese de doutorado em Geografia Humana. DOI: 10.11606/T.8.2010.tde-18012011-103155.

JIABAO, Wen – «Our historical tasks at the primary stage of socialism and several issues concerning China's foreign policy». Consultado em: 4 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/ce/ceno/eng/dtxw/t301338.htm>.

LO, Kevin – «Ecological civilization, authoritarian environmentalism, and the eco-politics of extractive governance in China». In *The Extractive Industries and Society*. 2020, pp. 1029-1035. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.exis.2020.06.017>.

MAGDOFF, Fred – «Harmony and ecological civilization: beyond the capitalist alienation of nature». In *Monthly Review – an independent socialist magazine*. Consultado em: 10 de outubro de 2020. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2012/06/01/harmony-and-ecological-civilization/> <https://monthlyreview.org/2012/06/01/harmony-and-ecological-civilization/>.

PAN, J. – *China's Environmental Governance and Ecological Civilization*. 1.ª edição. Berlim-Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 2016. DOI: 10.1007/978-3-662-47429-7.

STATE COUNCIL – «Decision of the State Council on implementing scientific outlook on development and strengthening environmental protection». Consultado em: 12 de outubro de 2020. Disponível em: [http://english.mee.gov.cn/Resources/Policies/policies/Frameworkp1/200712/t20071227\\_115531.shtml](http://english.mee.gov.cn/Resources/Policies/policies/Frameworkp1/200712/t20071227_115531.shtml).

TIEJUN, Wen, et al. – «Ecological civilization, indigenous culture, and rural reconstruction in China». In *Monthly Review – an independent socialist magazine*. Consultado em: 8 de outubro de 2020. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2012/02/01/ecological-civilization-indigenous-culture-and-rural-reconstruction-in-china/>.

TSANG, S.; KOLK, A. – «The evolution of Chinese policies and governance structures on environment, energy and climate». In *Environmental Policy and Governance*. 2010, pp. 180-196. DOI: <https://doi.org/10.1002/et.540>.

WANG, Qing; YANG, Zhiming – «Industrial water pollution, water environment treatment, and health risks in China». In *Environmental Pollution*. 2016, pp. 358-365. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.envpol.2016.07.011>.

WANG, Zhile, et al. – «The ecological civilization debate in China: the role of ecological marxism and constructive post-modernism—beyond the predicament of legislation». In *Monthly Review – an independent socialist magazine*. Consultado em: 7 de outubro de 2020. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2014/11/01/the-ecological-civilization-debate-in-china/>.

- WANG, Zhihe, et al. - «What does ecological marxism mean for China? Questions and challenges for John Bellamy Foster». In *Monthly Review - an independent socialist magazine*. Consultado em: 9 de julho de 2021. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2013/02/01/what-does-ecological-marxism-mean-for-china/>.
- XI, Jinping - «Pushing China's development of an ecological civilization to a new stage». Consultado em: 8 de setembro de 2021. Disponível em: [http://english.qstheory.cn/2019-09/17/c\\_1124932126.htm](http://english.qstheory.cn/2019-09/17/c_1124932126.htm).
- XIN, Xiangyang - «Prominent features of the system of socialism with Chinese characteristics and China's governance system». In *International Critical Thought*. 2020, pp. 161-181. DOI: 10.1080/21598282.2020.1778258.
- YANG, Qianqi, et al. - «A review of soil heavy metal pollution from industrial and agricultural regions in China: pollution and risk assessment». In *Science of Total Environment*. 2018, pp. 690-700. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2018.06.068>.
- YIN, Xuhui; ZHANG, Jing - «Connotation of Xi Jinping's thought on construction of ecological civilization in the new era». In *Asian Agricultural Research*. 2018, pp. 22-25. DOI: 10.22004/ag.econ.281250.
- YUAN, J., et al. - «Ecology of industrial pollution in China». In *Ecosystem Health and Sustainability*. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/20964129.2020.1779010>.
- YUE, Pan - «Evolution of an ecological civilization». *Beijing Review.com.cn*. 2006. Consultado em: 10 de outubro de 2020. Disponível em: [http://www.bjreview.com.cn/expert/txt/2006-12/15/content\\_50890.htm](http://www.bjreview.com.cn/expert/txt/2006-12/15/content_50890.htm).
- ZENG, Yingying, et al. - «Air pollution reduction in China: recent success but great challenge for the future». In *Sci Total Environ*. 2019. DOI: 10.1016/j.scitotenv.2019.01.262.
- ZHANG, Linbo, et al. - «Evaluation of the ecological civilization index of China based on the double benchmark progressive method». In *Journal of Cleaner Production*. 2019, pp. 511-519. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2019.02.173>.
- ZHONG, Yang; HWANG, Wonjae - «Pollution, institutions and street protests in urban China». In *Journal of Contemporary China*. 2015, pp. 216-232. DOI: <https://doi.org/10.1080/10670564.2015.1075719>.
- ZHOU, Xin - «Ecological civilization in China: challenges and strategies». In *Capitalism Nature Socialism*. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/10455752.2020.1802497>.